

cultura

AS RELIGIÕES EM MACAU

Huang Qichen *

A religião é uma forma de expressão ideológica, sendo uma componente social e cultural, em sentido restrito. Macau foi a ponte de intercâmbio cultural entre a China e o Ocidente nos séculos XVI a XVIII, razão pela qual a religião em Macau reflectiu e ainda hoje reflecte a assimilação recíproca de valores oriundos de duas culturas — chinesa e ocidental.

Nos últimos 430 anos, têm coexistido em Macau várias religiões: o budismo, em que crêem os chineses; o catolicismo, o cristianismo, o islamismo e o bahai, estas últimas, crenças de portugueses e de gente vinda de outros países; e, ainda, algumas outras religiões, ou seitas religiosas, menos expandidas. Os crentes destas várias religiões têm práticas próprias e exercem uma considerável influência na vida social. Este artigo focará principalmente a história e a situação actual destas religiões em Macau e é nosso desejo que especialistas neste assunto contribuam para o enriquecimento das opiniões aqui expressas.

I O BUDISMO

Tal como os habitantes do interior da China, os chineses de Macau crêem no budismo desde há séculos. Pode dizer-se que, desde os meados do século XVI, ou seja, meados da dinastia Ming (data em que Macau foi aberta ao exterior), a maioria dos chineses de Macau professa o budismo (incluindo o confucionismo e o tauismo). Os melhores testemunhos deste facto são os três maiores antigos templos budistas ainda existentes em Macau: o Templo de Á-Má (Ma Kok Miu ou Pagode da Barra), o Templo de Kun Iam (Kun Iam Tong) e o Templo de Lin Fong (Templo dos Lotus). Construídos há vários séculos e restaurados ao longo de gerações, ainda hoje se conservam.

* Professor-adjunto da Faculdade de História da Universidade de Zhongshan, em Guangdong.

O mais antigo destes três templos é o de Á-Má, cujo pavilhão Wang Tan data originalmente de 1484, ano 20.º do reinado de Chenhua, da dinastia Ming. Segundo registos históricos,

«O Ma Kok Miu foi construído no reinado de Chenhua [...] O Á-Má Miu fica na encosta de uma colina que penetra obliquamente no mar e é limitado a oeste por Mo Tou, ao norte por Se Lut, a sul por Macau; a sua situação é de difícil acesso. Na parte superior do Templo encontra-se o Palácio de Tin Fei (Concubina Celeste).

Segundo a lenda, durante o reinado de Wanli da dinastia Ming, um barco grande de um comerciante de Fujian foi apanhado por um tufão na zona costeira de Macau, encontrando-se em grande perigo. Construiu-se então no local um templo, nomeado Á-Má Miu, em memória de Tin Fei. Á-Má significa Mãe ou Antepassada e recebeu vários títulos entre os quais Tin Fei (Concubina Celeste) no dialecto de Fujian. O comerciante mandou também esculpir um barco na rocha, diante do Templo, e quatro caracteres, Let Sip Tai Chun, que significam «ao serviço da navegação.»¹

Mazhu ou Tin Fei é a deusa a quem prestam culto os pescadores e os navegadores das cidades e vilas das zonas costeiras de Fujian e Guangdong, desde a dinastia Song.

A história conta que Tin Fei, de nome Lin Moniang, original do distrito de Pu Tian, província de Fujian, era a sexta filha de Lin Yuan. Nasceu em 23 de Março de 960, primeiro ano do reinado de Jianlong, Tai Zhu da dinastia Song, e morreu em 19 de Fevereiro de 987, ano 4.º do reinado de Yongxi, vivendo apenas 28 anos no mundo humano. Diz-se que, desde pequena, era extremamente inteligente e capaz de prever o futuro. Quando jovem, tornou-se vegetariana por motivos religiosos e jurou não casar durante toda a sua vida. Quando havia tempestades e o seu irmão mais velho se fazia ao mar para comerciar no ultramar, Tin Fei ficava em casa e, de olhos cerrados, meditava e rezava longamente... Sem se dar conta, sentia que estava no local do naufrágio, salvando o irmão e outros náufragos. Mais tarde, após a sua morte, continuava presente em espírito sempre que pescadores e navegantes sofriam a ameaça de naufrágio. Por isso, todos os navegantes a tomaram como sua deusa protectora. Os imperadores da dinastia Yuan concederam-lhe sucessivos títulos de honra. O seu primeiro nome foi Deusa Tong Xian e em 1271, ano 8.º do reinado de Zhiyuan da dinastia Yuan, logrou o título já referido de Tin Fei (Concubina Celeste). Mais tarde, durante a dinastia Ming, construiu-se na

¹ Yin Guangren e Zhang Rulin, *Registos Concisos de Macau*, vol. I, cap. «Situação»; veja-se também *Registo na Lápide Comemorativa do 500.º Aniversário do Templo de A-Ma*, 1984.

capital um templo em sua honra, tendo então sido nomeada Tin Hao (Rainha Celeste). Tanto Tin Hao como Tin Fei eram chamadas Á-Má, ou Ma-Kok, pelos habitantes de Fujian, razão por que o actual Ma Kok Miu se chamava originalmente Á-Má Miu. Durante a dinastia Ming e Qing, este templo congregava uma intensa actividade; o fumo do incenso e do papel-moeda queimado nas preces nunca se extinguia. Nas festas, principalmente na Festa da Primavera, homens e mulheres, velhos e crianças, prestavam culto à deusa e numerosos fiéis prostravam-se em oração. Marinheiros e negociantes acorriam a suplicar protecção a Tin Fei, antes de se fazerem ao mar. Esta tradição ainda hoje se mantém. Os pescadores e comerciantes quando passam pela zona marítima diante do templo, costumam queimar incenso e panchões na proa dos barcos, prestando culto a A-Má e pedindo a sua protecção.

Dos três templos budistas de Macau, Kun Iam Tong é o mais grandioso. Foi construído em 1625, ano 5.º do reinado de Tianqi da dinastia Ming, acontecimento registado numa lápide da torre de Pou Tong Tap, no monte situado atrás do templo:

«Este monte foi comprado pelo mestre Chon Chi, no ano 3.º do reinado de Tianqi; no ano 5.º de Chongzhen, construiu-se o templo e a torre de Pou Tong Tap e no ano guyiou, do reinado de Tongzhi, da dinastia Qing, o templo foi reconstruído. No ano bingzhi, no período do Kuomintang, a torre ameaçava ruína e foi, então, completamente restaurada.»²

A lápide de pedra no altar sacrificial, ao lado do pátio do templo, onde está esculpida a inscrição «*Altar de sacrifício construído no ano 2.º do reinado de Tianqi*», e o sino grande que se encontra no pátio, onde se pode ler «*Ano 5.º do reinado de Chongzhen*», demonstram que também Kun Iam Tong tem uma história longa, de mais de 360 anos.

Segundo registos históricos, o primeiro mestre do templo foi o monge Tai San, que gozava de grande prestígio e respeito no mundo budista. Com o sobrenome de Seak Lim, ou Seak Kim, ou Seak Lin, nasceu em Nanchang, na província de Jiangxi, em 1633, ano 6.º do reinado de Chongzhen da dinastia Ming. Aos 16 anos começou a professar o budismo, fazendo-se monge em Suzhou. Mais tarde, transferiu-se para o Templo de Changshou (da Longevidade), em Cantão. Descontente com o domínio dos imperadores Qing, costumava valer-se da sua qualidade de monge para proteger as actividades contra os *qing*. Em 1685, ano 24.º do reinado de Kangxi, por convite do rei Un Fok Chao, do Aname (hoje Vietname), deslocou-se para aquele reino, para predicar o budismo. Na altura,

² Esta inscrição foi copiada pelo autor do artigo durante a sua visita a Macau no Verão de 1984.

o Aname sofria uma grande seca e Tai San ofereceu-se para ajudar o rei a pedir chuva, tendo, pouco depois, começado a chover torrencialmente. O monge foi então convidado para o palácio real e nomeado Monge Santo pelo rei. Utilizando o seu prestígio e renome naquele país, o monge fez tudo o que era possível para angariar donativos e reunir personalidades com ideais e integridade para desencadear a luta contra a dominação *qing*.

Depois do seu regresso a Cantão, continuou a trabalhar no Tempo de Changshou, onde empregou grandes quantias de dinheiro na sua ampliação, assim como no restauro dos templos de Maitreya, no sopé do monte Baiyun (Nuvens Brancas), e de Xiashan, no distrito de Qingyuan. Mudou-se mais tarde para Macau com o objectivo de reconstruir o Templo Kun Iam Tong, mas desenvolvendo uma dupla actividade: pregava, por um lado, o budismo junto dos habitantes de Macau e, por outro, sob a capa da religião organizava actividades contra os *qing*, o que lhe grangeou o amor e o respeito do povo do território.

As frases inscritas ao lado do retrato do monge Tai San dizem:

«A luz da sabedoria do Templo de Changshou transmite-se de geração em geração no Kun Iam Tong.

A lua brilhante do Templo de Xiashan ilumina o Lin Fong Miu.»

Esta é a memória dos contributos do mestre Tai San para a restauração dos templos de Kun Iam Tong e Lin Fong Miu. Desterrado nos últimos anos de vida pelo poder *qing*, morreu em 1702 com 70 anos de idade, a caminho do exílio. Depois de restaurado, o Templo Kun Iam Tong passou a ocupar uma área muito maior que a anterior, transformando-se num conjunto de edifícios majestosos, de estilo arquitectónico tradicional chinês, com três pavilhões principais: o pavilhão de Sakyamuni, o pavilhão da Longevidade e o pavilhão de Avaloquitesvara (ou Kun-Yan). A oeste do pavilhão de Sakyamuni, encontram-se os de Tin Hao (Rainha Celeste), Tei Chong e U Cheng e os salões de Long Wa, Cheng Lok e Chou Si; do lado leste do pavilhão de Sakyamuni, fica o pavilhão de Kuan Tai e os salões de Tai Hak, Tan Út, Pou Ian, Miu Heong e Chai Tong, assim como o quarto do monge, o depósito de sutras budistas, etc. Atrás do templo, existe um jardim, grande e sossegado. Este é um magnífico templo budista.

O Templo de Lin Fong é coevo da chegada dos portugueses. Inicialmente, o seu nome era Templo de Tin Fei (Concubina Celeste) ou Kuan Chap. Mais tarde, passou a chamar-se Palácio de Chi Wu. No reinado de Jiajing, da dinastia Qing, o governador do distrito de Xiangshan, Xu Nailai, rebaptizou-o com o actual nome — Templo de Lin Fong, ou seja, Lin Fong Miu. Segundo os registos, este templo foi construído no reinado de Chongzhen, da dinastia Ming. Em *A História do Monte Dinghu* lê-se: «Em 1633,

ano *guiyou*, ou seja, ano 6.º do reinado de Chongzhen, o monge Chai Kok esteve no templo para pregar o budismo».

Actualmente, o monge Chai Kok é venerado como fundador do templo. Além disso, o facto de o seu nome inicial ser Templo de Tin Fei mostra também que a sua construção tinha a ver com os pedidos de protecção a Tin Fei quando os habitantes de Macau partiam para o mar. Depois de 1685 (ano 24.º do reinado de Kangxi, da dinastia Qing), o desenvolvimento do comércio marítimo da China estimulou também o desenvolvimento rápido das relações comerciais de Macau com o exterior. Barcos de carga de Cantão e Fujian faziam o percurso até Macau e muitos comerciantes e marinheiros prestavam culto a Tin Fei. Naquele tempo, o Templo de Lin Fong tornou-se um local venerado até pelos comerciantes vindos dos países do sudeste asiático. Ainda hoje se pode ler nos dois lados da entrada do Templo de Lin Fong:

«Apoiados pela protecção da deusa, as gentes da terra de Hou Keng e os barcos no mar gozam de vento favorável e chuva doce.

*Adorando a divindade do Templo de Lin Fong, o povo em paz e o território próspero contemplam as danças e cantos nas ruas e vielas.*³

Esta inscrição prova que, tal como Ma Kok Miu e Kun Iam Tong, o Templo de Lin Fong foi, durante as dinastias Ming e Qing, um local onde os habitantes chineses de Macau pediam às divindades protecção na navegação marítima. De facto, na altura, quase todos os crentes chineses de Macau eram principalmente budistas. Eis a descrição de algumas cenas emocionantes de veneração dos chineses locais fiéis ao budismo, nos templos budistas do Território, às quais assistiu Gregório Gonzalez, missionário espanhol que esteve em Macau cerca de 1555, ano 34.º do reinado de Jiajing, da dinastia Ming:

«Estas pessoas são todas idólatras. Geralmente adoram o céu... Algumas também a Lua, outras o Sol... Tudo isso depende do seu gosto individual. No pavilhão principal de cada templo há um grande altar de sacrifício semelhante ao das nossas igrejas; a única diferença é que o primeiro está no centro do salão e não próximo da parede e pode circular-se em seu redor; nesse altar sacrificial está colocado o retrato de Confúcio, que é venerado pelas gentes locais... pois consideram perpétuo o espírito do morto e que se uma pessoa durante a sua vida fizer apenas obras de virtude, se torna imortal, após a morte; se não,

³ Estas frases foram copiadas pelo autor do artigo durante a sua visita a Macau no Verão de 1984.

transformar-se-á em boi ou cão; as pessoas veneram as divindades e oferecem-lhes sacrifícios, porque desejam que aquelas as convertam também em divindades e não em animais.»⁴

Mais tarde, quando Matteus Ricci e outros jesuítas chegaram a Macau e visitaram os templos budistas ficaram também surpreendidos pelo facto de tantos habitantes acreditarem no budismo. Em 1584, Matteus Ricci escreveu: «Das três religiões existentes na China, o budismo é a mais popular».⁵

Passados mais de quinhentos anos, a maioria dos chineses de Macau continuam a crer no budismo. Segundo dados estatísticos de 1979, os budistas constituíam 76.74% do total da população de Macau⁶ e existiam mais de 40 templos budistas e dezenas de Tou Tei Miu (templos dos espíritos tutelares da Terra). As centenas de milhar de budistas macaenses desenvolvem diversas actividades religiosas e de bem-estar social sob a direcção da Associação dos Budistas de Macau.

II

OCATOLICISMO

O catolicismo e o protestantismo constituem as duas principais formas de cristianismo, que foi introduzido na China em três ocasiões diferentes.

No século VII do reinado de Taizong da dinastia Tang, o nestorianismo entrou na China mas desapareceu 200 anos depois. No século XIII, durante a dinastia Yuan, o nestorianismo voltou a entrar na China, enquanto a Ordem Franciscana foi também introduzida no nosso país. No entanto, com a ruína da dinastia Tang, estas duas formas religiosas desapareceram em menos de uma centena de anos. A terceira entrada do cristianismo na China teve lugar no reinado de Wanli, da dinastia Ming, quando os jesuítas católicos vieram a Macau estabelecer missões; mais tarde, esses jesuítas penetraram no interior do país, onde as suas actividades duraram cerca de 200 anos, exactamente até 1894, ano 20.º do reinado de Guangxu.

O século XVI conheceu uma campanha de reformas religiosas na Europa. Numa tentativa de salvar o Papa de Roma da crise, o espanhol Inácio de Loyola (1491-1556), Francisco Xavier (um nobre espanhol), mais oito pessoas, criaram em França, em 15 de Agosto de 1534, ano 13.º do reinado de Jiajing, a Companhia de Jesus,

⁴ H. Bernard, *Aux Portes de la Chine. Les Missionnaires du XVI Siècle*,

traduzido por Xiao Junhua, Editora Comercial, 1984, pp. 98

⁵ Veja-se nota anterior, *op. cit.*, pp. 252.

⁶ *Guia do Turismo*, Macau, Direcção dos Serviços de Turismo, 1979, pp. 3.

organização religiosa que tinha como objectivo fundar novas missões ao longo das novas rotas de navegação. Em 1540, o Papa Paulo III aprovou oficialmente a criação desta Ordem Religiosa. Em 13 de Abril do ano seguinte, o Papa nomeou Inácio de Loyola como primeiro Geral da Companhia. Logo depois, Loyola começou a organizar as missões dos jesuítas no Oriente. D. João III, rei de Portugal, solicitou ao Papa que enviasse missionários para Goa, na Índia. O Papa confiou este assunto a Loyola que enviou Francisco Xavier para Goa, na qualidade de «núncio apostólico no Extremo Oriente». Xavier partiu de Lisboa em Julho de 1541 e chegou a Goa em 6 de Maio do ano seguinte, deslocando-se depois a Malaca. Em 15 de Agosto de 1549, acompanhado por Anjiro, fugitivo japonês, chegou ao porto comercial de Kagoshima, no Japão, onde converteu alguns locais ao cristianismo, afirmando que *«se um jesuíta quiser converter o Japão, o melhor método será missionar na China primeiro, porque a China é a fonte da cultura e do pensamento no Japão»*⁷. Retornado a Goa, apresentou ao rei português um plano para entrar na China. Aprovado o plano, Xavier partiu de Goa para a China em 14 de Abril de 1552 e em Agosto do mesmo ano chegou à ilha de Shangchuan, no distrito de Taishan, em Cantão. Nessa ilha, morreu talvez de paludismo, na noite de 3 de Dezembro daquele ano. Um chinês que tinha estudado em Goa, chamado António, transportou o cadáver para Goa, onde foi enterrado. Mais tarde, os católicos elogiaram-no como «missionário pioneiro no Extremo Oriente».

A chegada dos portugueses a Macau, em 1553, ano 32.º do reinado de Jiajing da dinastia Ming, a abertura da rota comercial Macau-Goa-Lisboa e o desenvolvimento das trocas comerciais entre o Oriente e o Ocidente trouxeram cada vez mais missionários jesuítas, que vinham com os comerciantes portugueses.

Por volta de 1555, ano 34.º do reinado de Jiajing, o jesuíta Melchior Nunes Barreto veio a Cantão mas não conseguiu autorização para residir na China. Em 1561, ano 40 do reinado de Jiajing, chegou a Macau o Padre Baltasar Gago, que então vivia missionando no Japão e, no ano seguinte, chegaram os sacerdotes católicos Francisco Perez, Manuel Teixeira e o Irmão André Pinto. Nesse mesmo ano, construíram uma pequena casa de palha de arroz perto da actual igreja de Santo António, denominando-a Igreja da Madre de Deus, que se tornaria no centro das missões em Macau. Até 1563, ano 42.º do reinado de Jiajing, existiam em Macau pelo menos oito jesuítas⁸. Descontentes com as missões em Macau, em 21 de Novembro de 1565, ano 44.º de Jiajing, solicitaram ao governo Qing uma autorização para entrar no interior da China e aí

⁷ Veja-se nota 4, *op. cit.*, pp. 69.

⁸ Veja-se nota 4, *op. cit.*, pp. 109.

estabelecer missões, mas o pedido foi recusado pelo governo chinês. Num encontro com o Padre Francisco Perez, o oficial da dinastia Qing em Cantão de novo recusou habilmente o pedido destes padres. Perguntou a Perez: «*Falas chinês?*», ao que este respondeu: «*Não falo*». «*Então, será melhor ser aluno primeiro, aprendendo a nossa língua, e ser nosso mestre depois, explicando a vossa doutrina*»⁹.

Apesar de não conseguirem entrar no interior da China, os jesuítas ocidentais continuaram a desenvolver vigorosamente as suas actividades missionárias em Macau. Segundo dados históricos, até 1565, ano 44.º do reinado de Jiajing, já havia mais de cinco mil crentes católicos em Macau. Naquele tempo, «*entre os chineses que se fizeram católicos existiam principalmente dois tipos: uns eram habitantes do território de Macau e outros eram oriundos de diversos distritos de Cantão. Entre os católicos chineses macaenses figuravam comerciantes, artífices e militares, muitos tendo mesmo deixado de usar as suas vestes tradicionais, trajando como católicos*»¹⁰. Este registo histórico mostra claramente a profunda influência do catolicismo sobre os chineses de Macau. Para satisfazer o desenvolvimento das actividades dos jesuítas, o Papa Pio V nomeou, em 1566, Melchior Carneiro como «Bispo» de Macau, tendo este chegado em fins de Maio de 1568, ano 2.º do reinado de Longqing. Como na altura não houvesse ainda uma diocese em Macau, Melchior Carneiro não era nominalmente bispo, embora exercesse na prática essas funções.

Após a sua chegada a Macau, Melchior Carneiro deslocou-se duas vezes a Cantão para pedir ao governo local autorização para ali se fixar, tendo o pedido sido recusado. Nestas circunstâncias, viu-se obrigado a criar em Macau, em 1569, ano 3.º do reinado de Longqing, a Santa Casa da Misericórdia e, mais tarde, os Hospitais de S. Lázaro e S. Rafael, para, através do oferecimento de asilo a crianças abandonadas e de assistência médica aos doentes e leprosos, alterar a atitude de indiferença e desprezo das pessoas não-católicas (especialmente os chineses) para com os jesuítas e a igreja católica, atrair os locais e convertê-los ao catolicismo. Entretanto, construiu em Macau a Igreja de S. Lázaro, a primeiro do género no Território. Desde então, Macau tornou-se a base da religião católica na China. Dado o desenvolvimento das actividades missionárias de Carneiro, o Papa Gregório XIII apresentou ao rei português D. Sebastião um pedido de promulgação de um édito que criasse em Macau uma diocese independente, separando-a de Malaca, responsável pelos assuntos das missões na China, Japão e

⁹ Cros, *São Francisco Xavier*, vol. II, pp. 103.

¹⁰ Yin Guangren e Zhang Rulin, *Registos Concisos de Macau*, vol. I, cap. «Funcionários».

Ar'nan (o actual Vietname), sob a direcção do provincial de Goa. Com o rápido desenvolvimento das actividades missionárias no Japão, foi aí criada em 1588, ano 16.^o do reinado de Wanli, uma diocese independente e nomeado o primeiro bispo.

O Papa Alexandre VIII reorganizou a Igreja da China e do Japão, criando no total quatro novas dioceses, respectivamente, em Pequim, Oita (Japão), Nanquim e Macau, e nomeou os seus bispos.

Com a reorganização da diocese de Macau, cada vez mais jesuítas ocidentais vieram missionar no Território e, seguindo o exemplo de Melchior Carneiro, construíram sucessivamente igrejas que contribuíram para o desenvolvimento das actividades religiosas (ver quadro n.º 1).

Entre estas igrejas, as mais famosas foram as Igrejas de S. Lázaro, S. Lourenço, St.^a Maria (ou Catedral) e St.^o António, que ainda hoje são reconhecidas como as maiores igrejas de Macau. O grande desenvolvimento da actividade missionária e a construção sucessiva de numerosas igrejas durante as dinastias Ming e Qing mostram que, naquela altura, Macau já era a base das missões católicas no Oriente e o centro das actividades católicas no Extremo Oriente.

O objectivo da Companhia de Jesus ao enviar sucessivamente jesuítas a Macau consistia em penetrar no interior da China para incrementar a actividade missionária.

Igrejas construídas em Macau entre 1562 e 1746 (do ano do reinado de Jiajing ao ano 20 do reinado de Qianlong)

[QUADRO N.º 1]

Ano	Nome da igreja	Sobrenome
1562	Igreja de S. Paulo ¹¹	Tai Sam Pa
1569	Igreja de S. Lázaro	Fong Tong
1575	Igreja de S. Lourenço	Fong Son Tong
1580	Igreja de S. Francisco	Ka Si Lam Tong
1584	Igreja de St. ^o Agostinho	Long Song Miu, Tai Miu
1587	Igreja de S. Domingos	Pan Cheong Tong
1608	Igreja de St. ^o António	Fa Wong Miu
1634	Convento e Igreja St. ^a Clara	Ni Ku Miu
1679	Tong Ian Miu	Chon Kao Si
1741-1758	Igreja de S. José	Sam Pa Chai

¹¹ A Igreja de S. Paulo foi construída em 1582 com base na Igreja de St.^a Maria, in *História Concisa de Macau e Registo do Distrito de Xiangshan, no reinado de Qianlong*.

Considerando que ao referido jesuíta Francisco Perez, pelo facto de não saber chinês, tinha sido recusada a entrada no interior da China para aí missionar, a Companhia de Jesus decidiu enviar a Macau Alexandre Valignano, jesuíta italiano que sabia chinês, para encorajar e organizar os assuntos católicos no Extremo Oriente. Na qualidade de Visitador, Valignano chegou a Macau em 1578, ano 6.º do reinado de Wanli, e depois da sua inspecção escreveu uma carta ao Superior Geral da Companhia de Jesus, onde dizia: «*Para que os nossos jesuítas possam entrar no interior da China, será necessário alterar o método que as nossas missões usam no ultramar; o mais importante será que o jesuíta saiba ler, escrever e falar chinês e conheça, na medida do possível, as cerimónias, costumes e hábitos populares da China*». Considerou que, para poder entrar no interior da China, a Companhia de Jesus não devia depositar esperanças nos jesuítas que na altura estavam em Macau, mas deveria enviar à China um grupo de padres com ideais e bom nível de chinês¹². Escreveu também ao Superior da Companhia de Jesus em Goa, sugerindo que enviasse Miguel Ruggieri, que defendia fortemente a divulgação em língua chinesa do catolicismo na China, ao interior do país para estabelecer missões. Ruggieri chegou a Macau em 22 de Julho de 1579, ano 7.º do reinado de Wanli, e imediatamente convidou um pintor, de pintura tradicional chinesa, para lhe ensinar chinês. Segundo registos históricos, «*o primeiro professor do Padre Ruggieri foi um pintor chinês que lhe ensinou a escrever caracteres chineses com pincel chinês, explicando-lhe o seu sentido. Quando considerou que tinha aprendido o suficiente para o trabalho missionário, começou a planear entrar no interior da China...*»¹³

Entretanto, o bispo Melchior Carneiro deu-lhe a conhecer os costumes chineses: «*Quando se avistar com um superior, tem de ajoelhar-se, tem de tocar o solo com a testa em sinal de reverência, mantendo-se assim durante algum tempo; quando se fala de terceiros, deve utilizar-se um tom de elogio; quando se fala de si próprio, devem usar-se palavras e frases humildes*»¹⁴.

Em dois anos e dois meses de estudo, Ruggieri aprendeu doze mil caracteres chineses e as principais cerimónias usadas na China. Entre 1580 e 1583, ou seja, do ano 8.º ao 11.º do reinado de Wanli, deslocou-se três vezes, com outros portugueses, à feira de Cantão, que se realizava duas vezes por ano. Aproveitando assim para praticar o chinês, esforçou-se por contactar funcionários governamentais em Guangdong. Como se mostrava sempre cerimonioso e

¹² Tomas F. Ryan, *Os Jesuítas na China*, tradução chinesa de Tao Weiji, Hong Kong, 1965, pp. 17-18.

¹³ Louis Pfister, *Biografia dos Jesuítas que chegaram à China*, tradução de Feng Chenjun, Editora Comercial, 1938, pp. 33.

¹⁴ Veja-se nota 4, *op. cit.*, pp. 188.

educado, causou boa impressão a Chen Wenfeng, então governador de Guangdong e Guangxi, tendo sido convidado por este para se mudar de Macau para Zhaoqing, onde ficava a residência do governador. No ano seguinte, Alexandre Valignano mandou Francisco Pasio, que acabara de chegar a Macau vindo da Índia, acompanhar Ruggieri a Zhaoqing. Enquanto hóspedes distintos, foram hospedados no Templo de Tianning. No entanto, pouco depois, Chen Wenfeng era destituído por crimes cometidos, o que os obrigou a regressar a Macau. No entanto, o novo governador de Guangdong e Guangxi, Guo Yinping, e o governador do distrito de Zhaoqing, Wang Pan, mandaram um mensageiro para os convidar a voltar a Zhaoqing. Nessa altura, já Francisco Pasio tinha sido transferido para o Japão. Em Setembro de 1583, a Companhia de Jesus enviou o jesuíta Mateus Ricci, que chegara a Macau a 7 de Agosto de 1582, acompanhar Ruggieri a Zhaoqing e ambos ficaram alojados no Templo de Tianning. Aí começaram as suas actividades missionárias, marcando o início oficial do trabalho missionário dos jesuítas ocidentais no interior da China.

Durante a sua estadia em Macau, Mateus Ricci pregou a doutrina católica na Academia de São Martinho, «*aprendendo ao mesmo tempo o chinês e lendo livros chineses*»¹⁵. Tal como ele próprio disse, «*em pouco tempo de estudo, já obtive progressos satisfatórios na aprendizagem do chinês*»¹⁶. Assim, ele e Miguel Ruggieri reuniam as condições favoráveis para missionar em chinês em Zhaoqing. Com a ajuda de Guo Yinping e Wan Pan, construíram em 1584, ano de Wanli, uma igreja e uma residência perto da torre de Chongning, a leste da cidade de Zhaoqing, gastando no total 250 taéis de prata. Esta foi a primeira igreja católica de estilo europeu construída pela Companhia de Jesus no interior da China. Para atrair os locais, efectuaram na igreja uma exposição de objectos raros na China que tinham trazido consigo do Ocidente, nomeadamente instrumentos de medição, mecânicos, objectos de arte e outros, que despertaram a curiosidade dos funcionários e gente do povo. O *Mapa das Terras, Montanhas e Mares*, desenhado por Mateus Ricci, atraiu especialmente os visitantes, que unanimemente classificaram a exposição como «*espectáculo maravilhoso de ontem e hoje*». Finalmente, Mateus e Ruggieri ofereceram todos estes artigos preciosos aos funcionários do governo distrital de Zhaoqing, conquistando assim o seu apoio e respeito. Além disso, seguindo o conselho do nobre Zhai Dasu, natural de Changshu, filho do então ministro dos Ritos da dinastia Ming, Zhai Jingchun, que vivia na altura em Nanxiong, deixaram de

¹⁵ *Colectânea das Histórias Não Oficiais do Reinado de Wanli*, da autoria de Shen Defu, vol. xxx.

¹⁶ Luo Guang, *Biografia de Matteo Ricci*, Editora dos Estudantes de Taiwan, 1983.

usar as vestes sacerdotais, passando a trajar como mandarins. Segundo os registos históricos, «quando Mateus Ricci chegou ao porto de Cantão vinha de cabeça levantada e peito descoberto e os presentes olharam-no como sacerdote ocidental. Mas quando foi levado ao templo budista, disse, através do intérprete, que era confucionista. Foi então acolhido calorosamente e alojado num hotel confortável, onde começou a leitura de livros clássicos. Ainda não tinham passado dois anos, Ricci era um erudito do confucionismo e da etiqueta chinesa e, por isso, decidiu ir a Pequim»¹⁷.

Apesar dos grandes esforços de Ruggieri e Mateus Ricci em Zhaoqing, a sua actividade enquanto missionário não teve muito êxito. Até finais de 1585, ano 13.º do reinado de Wanli, só conseguiram admitir 20 fiéis, porque os locais continuavam a desconfiar deles, chamando-os de «diabos estrangeiros». Com a concordância do novo governador de Guangdong e Guangxi, Liu Jiezhai, em 1589, ano 17.º do reinado de Wanli, Mateus Ricci transferiu-se de Zhaoqing para Shaozhou (hoje Shaoguan). No ano seguinte, Ricci construiu uma igreja em estilo chinês num terreno gratuitamente cedido pelo governador, situado na margem de um riacho, frente ao Templo de Guangxia. Nesse ano, dois jovens jesuítas, Sebastião Fernandes e Francisco Martins, enviados por Alexandre Valignano, foram trabalhar como assistentes de Mateus. Este facto mostra-nos que, naquela altura, Mateus Ricci já se tornara de facto o pioneiro e dirigente das actividades missionárias católicas no interior da China.

Em Julho de 1592, ano 20.º do reinado de Wanli, uma noite um jogador embriagado assaltou a igreja de Matteus Ricci. Após este incidente, Ricci compreendeu que não bastava a simpatia e o apoio dos funcionários locais para garantir a sua segurança e decidiu procurar uma oportunidade para ir a Pequim pedir o apoio do imperador para a actividade missionária. Com a ajuda de funcionários do Ministério dos Ritos de Cantão e de Nanquim, Wang Zhongming e Zhu Shilin, e superando um sem número de dificuldades e reveses, chegou finalmente a Pequim em 24 de Janeiro de 1601, ano 29.º do reinado de Wanli. Imediatamente conseguiu, através dos eunucos do Palácio Imperial, oferecer ao então imperador da dinastia Ming, Shenzong, os seguintes presentes: uma pintura moderna do Senhor; uma pintura antiga do Senhor e da Virgem; uma pintura moderna do Senhor e da Virgem; um exemplar do *Padre-Nosso*; uma cruz incrustada de bolas de vidro colorido, objecto legado por um santo; um atlas universal; dois relógios — um grande, outro pequeno — que batiam as horas; dois blocos de cristal colorido; um saltério; oito espelhos e garrafas de vidro de grande valor; um corno de rinoceronte; duas esculturas de

¹⁷Zhang Erqi, *História do Templo de Haoan*.

grande valor; um livro do Evangelho; quatro sacos de tecido colorido, de estilo ocidental, cinco peças de tecido ocidental e quatro grandes moedas de prata¹⁸.

O imperador Shenzong aceitou estes presentes e, embora não lhe concedesse uma audiência, autorizou-o a estabelecer-se em Pequim. O ministro dos Ritos hospedou-o no Siyinguan (Hotel para Mensageiros Estrangeiros). Mais tarde, com a ajuda de Zhao Bangjing, funcionário do Ministério dos Ritos, comprou uma casa com mais de 40 quartos, no bairro de Xuanwumen, que passou depois a ser chamada «Beijing Huiyuan» — a actual Igreja do Sul, ou Nantang, onde Mateus começou a pregar o catolicismo em Pequim. Sob a etiqueta da veneração de Confúcio, discutiu amiúde problemas académicos com personalidades de renome, como Feng Yinjing, Li Zhihao e Xu Guagqi, que admiravam muito a sua erudição. Durante a sua estadia em Pequim, Mateus Ricci estava sempre muito ocupado. Para além das actividades missionárias, recebia diariamente muitos visitantes, cujo número rondava os vinte, chegando, durante o Ano Novo ou Festa da Primavera, a atingir os cem¹⁹. Além disso, como responsável geral pelas dioceses na China, dirigia ainda as missões de Nanquim, Nanchang e Shaozhou. Graças aos seus esforços, as actividades missionárias floresceram em diversas partes do país e o número de católicos chineses aumentou de dia para dia. Dados históricos revelam que, durante os 27 anos da estadia de Ricci na China — desde 1583, ano em que converteu o primeiro católico chinês em Zhaoqing, até ao dia 11 de Maio de 1610, ano 38.º do reinado de Wanli, quando morreu — o número de católicos chineses atingira 2 500²⁰. Entre estes encontravam-se muitos eruditos e altos funcionários, como Xu Guangqi, Li Zhizhao, Yang Tingjin, etc.

O grande êxito logrado por Mateus Ricci nas suas actividades missionárias no interior da China levou a que o Geral da Companhia de Jesus nomeasse, imediatamente após a morte de Ricci, Nicolas Longobardi como responsável geral das paróquias católicas na China e enviou sucessivamente grande número de jesuítas para o interior da China, através de Macau. Com base no êxito de Ricci e Ruggieri, a Companhia de Jesus e Nicolau Longobardi decidiram que todos os jesuítas que viessem missionar na China deveriam aprender primeiro a língua e as cerimónias chinesas em Macau. Por isso, Alexandre Valignano apresentou ao Geral da Companhia de Jesus a proposta de abertura de uma escola

¹⁸ *Colecção das Teses de Hong Ye*, Editora Zhonghua, 1981. Veja-se também nota 16, *op. cit.*, pp. 116.

¹⁹ George L. Harris, *The Mission of Matteo Ricci* (Monumenta Serica), vol. 25, pp. 17, 1966.

²⁰ De Lixian, *História das Missões Católicas na China*, Editora Comercial de Taiwan, 1970, pp. 60.

em Macau que formasse os jesuítas a serem enviados para o interior da China, para o Japão e outros países do Oriente. Esta proposta foi aprovada e o Provincial da Companhia de Jesus em Goa, António de Quadros, em 1594, ano 22.º do reinado de Wanli, ordenou a transformação da escola de St.º António (que funcionava então ao nível de escola primária), num centro de ensino de nível universitário e a criação das disciplinas necessárias ao trabalho missionário, tais como o chinês, latim, teologia, filosofia, matemática, medicina, astronomia, física, música e retórica, sendo o chinês disciplina obrigatória para todos os alunos. Terminando com aproveitamento o estudo destas cadeiras, os alunos recebiam o título académico, condição necessária para serem enviados para o interior da China. Eram admitidos jesuítas europeus e frades chineses e japoneses. Em 1600, ano 28.º do reinado de Wanli, estudavam mais de 60 jesuítas neste grandioso Colégio de S. Paulo²¹.

Entre os reitores do Colégio, destacavam-se Eduardo de Sande (entre 1594 e 1596), Manuel Dias Sénior (1596-1601) e André Lubelli (1671-1673). Dos mais de trinta jesuítas que ensinaram no colégio, merecem especial menção os professores de matemática Júlio Aleni, Francisco Sambiasi e Joannes Uscmon; de filosofia, João Monteiro e Gabriel de Magalhães; de teologia, Afonso Vagnoni, João Pereira e Manuel Dias Júnior²². O número de jesuítas graduados neste colégio e depois enviados como missionários para o interior da China atingiu os 200. Os nomes de 122 dentre estes jesuítas, bem como as datas em que chegaram a Macau e os locais para onde foram depois enviados, já foram investigados (ver Anexo I). Este número constituiu cerca de 26% do total dos 476 jesuítas que estiveram em missão no interior da China, no período de 1583 a 1770.

Por aqui se vê claramente que o Colégio de S. Paulo foi, na altura, a base de formação de jesuítas para as missões no interior da China, no Japão e em todo o Sueste Asiático. Foi justamente graças ao trabalho missionário destes jesuítas, versados em língua chinesa, cerimónias, hábitos e costumes da China, que cada vez maior número de habitantes do interior, sobretudo dos diversos distritos do Delta do Rio das Pérolas, passaram a ir a Macau receber o baptismo ou assistir à missa. Os registos históricos dizem:

«Perto da Igreja de S. Paulo, ficava uma casa especialmente destinada aos chineses que vinham converter-se ao catolicismo ou rezar missa [...] vinham principalmente dos distritos de Nanhai, Panyu, Hiyang, Shunde, Xinghui e Xiangshan, e especialmente de Zini, de Shunde, na província de Guangdong

²¹ *Biografia de Johann Adam Schall Von Bell*, da autoria de Vath, tradução de Yang Bingchen, pp. 78.

²² Veja-se nota 13.

[...] alguns vinham também de outras províncias. Entre estes católicos chineses, alguns chegavam e partiam no mesmo dia, outros ficavam dois ou três dias em Macau.»²³

Para responder às necessidades do desenvolvimento das actividades missionárias no interior da China, a Companhia de Jesus admitiu alguns católicos chineses de Macau e de Guangdong no Colégio de S. Paulo. Depois de formados, eram enviados para as missões no interior. Segundo a *História dos Jesuítas Enviados ao Interior da China*, da autoria de Louis Pfister, o número de católicos chineses de Macau enviados como missionários para o interior da China totalizou vinte e três: Zheng Manuo (cujo nome português era Manuel Sequeira, de Macau); Zhong Mingren (Sebastião Fernandes, natural de Xinghui); Zhong Mingli (João Fernandez, de Xinghui); You Minghui (Manuel Pereira, macaense); Lei Andong (António Leitão, macaense); Qiu Lianghou (Pascoal Mendes, macaense); Qiu Liangbing (Domingos Mendes, macaense); Shi Hongji (Francisco de Lages, macaense); Ni Yage (Jacó Neva, macaense); Hua Lie (Luís de Faria, macaense); Fan Youxing (Pascoal Fernandes, macaense); Ka Lie (Sebastião Correia, macaense); Ka Shite (Manuel Costa, macaense); Ma Manuo (Manuel Rodrigues, macaense); Cai Anduo (António Fernandes, macaense); He Tianzhang (Francisco Xavier Rosário, macaense); Guo Tianpeng (João Pacheco, macaense); Mo Lashi (Manuel Morais, macaense, mestiço).

A entrada de cada vez mais jesuítas preparados no Colégio de S. Paulo no interior da China promoveu o rápido desenvolvimento das actividades missionárias em diversas partes do país, nomeadamente nas províncias de Hebei, Shandong, Shanxi, Shaanxi, Henen, Sichuan, Jiangxi, Zhejiang, Guangdong e Guangxi. Segundo estatísticas incompletas, o número de crentes católicos no interior da China aumentou de 20 em 1585, ano 13.º do reinado de Wanli, para 300 000 em 1735, ano 13.º do reinado de Yongzheng (ver Anexo II). Além de gente simples, figuravam entre estes crentes familiares dos imperadores, ministros e outros funcionários e nobres. No final do reinado de Chongzhen, por exemplo, o número de crentes católicos na corte imperial atingiu 154. Muitos funcionários importantes dos poderes locais, como inspectores, governadores de distrito, comandantes gerais do exército, também iam cheios de curiosidade à igreja assistir à missa²⁴. Por estes dados, vê-se que foi grande a influência que os jesuítas exerceram no interior da China, tomando Macau como base sólida.

²³ *Registo do Distrito de Xiangshan no reinado de Qianlong*, vol. VIII, cap. «Hou Keng».

²⁴ Veja-se nota 4, *op. cit.*, pp. 191.

Entretanto, Macau era também a base das actividades missionárias dos jesuítas noutros países do Extremo Oriente, principalmente no Japão. Em 1565, ano 44.º do reinado de Jiajing, os jesuítas macaenses construíram uma casa especialmente para hospedar os irmãos que chegavam por barco a Macau, vindos da Índia, e partiam depois para o Japão no Verão do ano seguinte. Num período bastante longo, os assuntos missionários do Japão estavam sujeitos à direcção do bispo de Macau. Em 1587, ano 15.º do reinado de Wanli, o governo japonês proibiu a divulgação do catolicismo; sobretudo em 5 de Fevereiro de 1597, ano 25.º do reinado de Wanli, ordenou a morte, por crucificação, de 26 missionários e fiéis japoneses, em Nagasaki. Nessas circunstâncias, Macau tornou-se refúgio dos jesuítas e católicos japoneses expulsos do Japão. Muitos deles voltaram mais tarde ao Japão para continuar a missionar, fingindo-se de comerciantes e viajando em barcos mercantis de Macau para Nagasaki. Segundo dados disponíveis, apenas no período entre 1615 e 1618, mais de 20 jesuítas voltaram furtivamente ao Japão. Depois de 1616, ano 44.º do reinado de Wanli, quando os comerciantes portugueses de Macau estabeleceram oficialmente relações comerciais com a Tailândia, os jesuítas portugueses começaram a deslocar-se, com os comerciantes, para aquele país. Em 1627, ano 7.º do reinado de Tianqi, um grupo de jesuítas deslocou-se de Macau para o norte do Vietname, tendo os portugueses de Macau contribuído com uma avultada quantia em dinheiro para a actividade missionária. Em 1647, ano 4.º do reinado de Shunzhi, o número de católicos no norte do Vietname atingia os 200 mil²⁵.

No entanto, em 1616, ano 44.º do reinado de Wanli, quando o ministro dos Ritos, Shen Huai, inspeccionava Nanquim, foi informado que o jesuíta Afonso Vagnoni realizara uma cerimónia pomposa para celebrar a construção de uma nova igreja em Nanquim. Shen Huai, descontente com a iniciativa, solicitou ao imperador que proibisse a divulgação do catolicismo. O imperador concordou com o seu pedido e, por édito, ordenou a destruição da igreja católica de Nanquim e a detenção de Afonso Vagnoni e outros 25 jesuítas, posteriormente enviados sob escolta para Macau. A este acto, seguiu-se a expulsão para Macau de jesuítas noutras partes do país.

Durante a dinastia Qing, o imperador Kang Xi promulgou um édito a favor do catolicismo. Mas, sempre que a corte imperial promulgava uma ordem de proibição da religião católica, Macau tornava-se o refúgio dos jesuítas. Em 1724, ano 2.º do reinado de Yongzheng, o imperador proibiu a construção de igrejas e a

²⁵ C. R. Boxer, *Portuguese India in the Mid-Seventeenth Century*, 1989, pp. 15.

divulgação do catolicismo em diversos pontos do país. Segundo esta ordem, todos os sacerdotes católicos, à excepção dos que desempenhavam as funções de director e subdirector do Departamento de Astronomia, seriam todos expulsos do interior da China. Em 1732, ano 10.º do reinado de Yongzheng, todos os jesuítas foram expulsos para Macau.

Nessa época, o racionalismo estava em voga na Europa. Os sectores intelectuais dos diversos países ocidentais, influenciados pelas teorias de Voltaire e Jean-Jacques Rousseau e pelo enciclope-dismo, contestavam o catolicismo e, devido às suas actividades conspiratórias, foram perseguidos e expulsos pelos diversos governos, a principiar por Portugal. Na noite de 3 de Setembro de 1758, o rei D. José I foi ferido num atentado atribuído também aos jesuítas. O então Primeiro-Ministro, Marquês de Pombal, ordenou a prisão imediata dos jesuítas em todo o país. Em 5 de Julho de 1762, o decreto de Pombal chegou a Macau, tendo o governo local ordenado que os soldados cercassem as igrejas de S. Paulo e de S. José e prendessem todos os jesuítas que ali se encontravam. Em 5 de Novembro desse ano, 24 jesuítas foram escoltados por soldados portugueses e embarcados na nau S. Luís, de Luís Coelho, rumo a Lisboa, onde foram presos. As igrejas de S. Paulo e de S. José foram encerradas. Mais tarde, exactamente em 1764, o governo francês dissolveu a Companhia de Jesus e, em 1767, o governo espanhol expulsou seis mil jesuítas para o estrangeiro. Ao mesmo tempo, os governos de França, Portugal e Espanha, exigiram em conjunto que o Papa de Roma dissolvesse a Companhia de Jesus. Nestas circunstâncias, o Papa Clemente XIV viu-se obrigado a promulgar, em 21 de Julho de 1773, a bula «Nosso Senhor e Redentor»²⁶ que ordenava a dissolução da Companhia de Jesus. Em 1827, o departamento da Propagação da Fé de Roma, aceitando uma proposta do rei francês, ordenou a *Congregatio Missionis* (os Lazaristas) para substituir a Companhia de Jesus em Macau. Em Dezembro de 1783, dois mensageiros da *Congregatio Missionis* chegavam a Macau e outros mais após 1791, nomeadamente Domingos Ferreira, José Ribeiro, Caetano Pires, Veríssimo Monteiro Serra, Ludovicus-Francisco Lamiot, que converteram o Seminário de S. José na sede da *Congregatio Missionis* em Macau. Tendo como tarefa principal a formação de sacerdotes, este seminário funcionou em Macau durante 72 anos, desde a dissolução da Companhia de Jesus que desenvolvera actividades missionárias durante quase 200 anos em Macau e no interior da China.

Em 1814, a Companhia de Jesus renasceu na Europa. Em 1890, ano 16.º do reinado de Guangxu, os jesuítas reapareceram em Macau. De então até hoje, decorreram mais de cem anos; no

²⁶ Columba Cary-Elhves, *China and the Cross*, pp. 167.

entanto, existem hoje apenas 23 365 católicos em Macau²⁷, dos quais cerca de 40% são chineses, constituindo apenas 9,39% do total da população do Território. Existem mais de 260 religiosos, incluindo bispos, padres, pastores e freiras. Actualmente, a diocese católica de Macau tem seis paróquias e várias associações missionárias, que são administrativa e financeiramente independentes e a que pertencem dezenas de igrejas, das quais cerca de 20 são relativamente famosas, nomeadamente, as «três igrejas antigas» de São Lázaro, São Lourenço e Santo António e as Igrejas de São Domingos, São José, Nossa Senhora de Fátima, Penha, a Capela da Guia e a Capela de Santiago. As ruínas da Igreja de S. Paulo, em tempos a maior igreja do género no Extremo Oriente, são hoje o *ex-libris* de Macau²⁸. As actividades missionárias dos católicos realizam-se nas igrejas principais. Em algumas outras, como a de Santo Agostinho, os crentes podem ouvir a missa em inglês. As actividades católicas são frequentes, sendo as mais importantes as procissões do Bom Jesus e de Nossa Senhora de Fátima. Hoje em dia, a igreja católica de Macau, seguindo a tradição de difusora de ciência e cultura no Território e no interior do país, apoia activamente os sectores da educação, cultura, assistência médica e assistência social, a cargo do governo de Macau, tendo sido no sector educacional que alcançou os maiores êxitos: dirige actualmente 20 jardins infantis, 22 escolas primárias e 14 escolas secundárias, abrangendo no total mais de 27 mil alunos, cerca de 50% da totalidade dos estudantes de Macau. Além disso, administra ainda 9 creches, 7 clínicas, 9 casas para idosos, inválidos e deficientes e 2 centros de terceira idade.

III

O CRISTIANISMO E OUTRAS RELIGIÕES

O cristianismo foi introduzido em Macau em princípios do século XIX. Em 1807, ano 12.º do reinado de Jiajing, a Sociedade de Difusão da Fé de Londres enviou o pastor Robert Morrison para Cantão. Partindo dos Estados Unidos e atravessando o Oceano Pacífico, Morrison deslocou-se depois para Macau, onde casou com Maria Mond, filha de um alto funcionário da Companhia das Índias, e começou a pregar a fé cristã entre os habitantes de Macau. Este foi o início da introdução da igreja anglicana em Macau e também na China. Nessa altura, como os católicos proibiam os seus crentes de contactarem com Robert Morrison, ele voltou a Cantão e viu-se

²⁷ Veja-se *Guia do Turismo*, Direcção dos Serviços de Turismo de Macau, 1979.

²⁸ Ver artigo do autor, «Macau, ponte de intercâmbio entre a China e o Ocidente nos séculos XVI a XVIII», *Administração*, Revista da Administração Pública de Macau, vol. HI, n.º 6, 1989.

obrigado a celebrar o culto na sua residência, deslocando-se apenas aos domingos a Macau para celebrar a missa oficial. Seis anos após a chegada de Robert Morrison a Macau e Cantão, foi enviado de Londres o reverendo Milex para apoiar o trabalho de Morrison. No entanto, perante a oposição do governo de Cantão e da Companhia das Índias, pouco mais tarde Milex foi transferido para Malaca. Morrison traduziu a Bíblia para chinês e redigiu alguns folhetos com sermões, entregando o trabalho de impressão a tipógrafos macaenses. Um destes tipógrafos, de nome Chou Kou, profundamente influenciado pelas doutrinas cristãs, recebeu o baptismo numa baía de Macau, em 9 de Setembro de 1814, ano 19.º do reinado de Jiajing, convertendo-se assim no primeiro cristão ortodoxo de Macau e da China. Em 1816, ano 21.º do reinado de Jiajing, outro tipógrafo, chamado Leong Fat, natural do distrito de Gaoming, da província de Guangdong, que tinha acompanhado o reverendo Milex a Malaca, foi baptizado e veio a ser, mais tarde, o primeiro pastor da China. Depois da morte de Milex, em 1822, ano 2.º do reinado de Daoguang, Leong Fat passou a ser o seu sucessor e voltou a Macau em 1824, ano 4.º do reinado de Daoguang, para trabalhar como assistente de Morrison. Em 1828, ano 8.º do reinado de Daoguang, regressou à sua terra natal, no distrito de Daoming, onde baptizou um conterrâneo, chamado Gu Tangqing, o primeiro anglicano a ser baptizado no interior da China. Em 13 de Dezembro de 1831, ano 11.º do reinado de Daoguang, chegou a Macau, viajando da Tailândia num barco mercantil chinês, o missionário alemão Charles Gutzlaff, enviado pela Igreja Cristã Holandesa em 1830, ano 10.º do reinado de Daoguang, tendo sido calorosamente recebido por Morrison. Falando fluentemente o chinês e sendo versado nas artes da medicina ocidental, Charles Gutzlaff desenvolveu com êxito as suas actividades missionárias no Território. A sua esposa inglesa Wanstall abriu, na sua residência, uma escola religiosa para crianças do sexo feminino pertencentes a famílias pobres. No dia 1 de Agosto de 1834, ano 14.º do reinado de Daoguang, Morrison morreu de uma doença aguda. No ano seguinte, William Jardine e Lancelot Dent, dois grandes traficantes de ópio ingleses, promoveram e organizaram a Fundação Morrison para a Educação, que contribuía para a escola de Wanstall com um subsídio mensal de 15 libras. Com esta verba, Wanstall abriu outra escola para as crianças do sexo masculino, anexa à anterior. Um menino de sete anos, chamado Tong Wan, que vivia na comarca de Nanping, separada de Macau só por uma faixa de água, foi um dos primeiros alunos desta escola. Além do ensino do inglês, Wanstall aproveitava a maior parte do tempo para os formar na doutrina cristã. Em 1839, ano 19.º do reinado de Daoguang, Wanstall fechou a sua escola e Samuel Robbins Brown, missionário norte-americano graduado pela Universidade de Yale nos Estados Unidos, abriu a escola Morrison em Macau, a primeira na China a seguir um modelo

ocidental. Brown recordava assim a situação do ensino na sua escola:

«No dia 1 de Novembro de 1839 mudámos para a casa comprada pela Fundação para a Educação e no dia 4 iniciámos as aulas; nesse tempo, existiam só 6 alunos, que estudavam metade do dia em chinês e, na outra metade, em inglês. O horário da escola era o seguinte: levantavam-se às 6 horas da manhã e deitavam-se às 9 da noite. Nesse período de tempo, os alunos liam e escreviam durante 8 horas e dedicavam 3 a 4 horas ao desporto e divertimento no campo, ao ar livre... Viviam com a minha família e fazíamos o possível por tratá-los como nossos próprios filhos, de modo a conquistar a sua amizade e total confiança em nós. Os alunos podiam assistir livremente à missa realizada em minha casa, de manhã cedo e à noite. Esforçámo--nos por que eles se sentissem a viver como em sua própria casa e pudessem receber a boa educação de uma família cristã. »²⁹

Esta era uma «escola estrangeira» fundada na China por um missionário cristão, com o fim de difundir a fé em Cristo. O período de estudo era de 3 a 4 anos e as disciplinas incluíam Inglês, Chinês, Aritmética, Álgebra, Geometria, Física, Química, Fisiologia, Saúde Pública, Geografia, História e Música. Muitos reformistas, pensadores e cientistas da China moderna frequentaram esta escola. O reformista político moderno Iong Wan, acima referido, e o primeiro famoso doutor de medicina ocidental na China moderna, Wong Fun, foram dos melhores alunos da escola Morrison e, mais tarde, dos primeiros jovens chineses que estudaram na Europa e nos Estados Unidos.

Ao regressar aos Estados Unidos em 1846, ano 26.º do reinado de Daoguang, a senhora Samuel Brown levou consigo os seus alunos favoritos, Iong Wang e Wong Fun. Chegados a Nova Iorque em 12 de Abril de 1847, ano 27.º do reinado de Daoguang, Samuel Brown proporcionou a sua entrada numa escola secundária do estado de Massachusetts. Iong Wang, após terminar os estudos nesta escola, foi admitido na Universidade de Yale, onde se tornou o primeiro estudante chinês graduado numa universidade norte--americana. Quando regressou à China, Iong abriu várias fábricas em Shanghai, tornando-se um dos pioneiros da indústria chinesa. Wong Fun foi admitido na Faculdade de Medicina da Universidade de Edimburgo, na Grã-Bretanha, sendo o primeiro chinês a estudar neste país. Em 1857, voltou à pátria e começou a trabalhar no Hospital de Roji, em Cantão, tornando-se um dos primeiros doutores chineses de medicina ocidental.

²⁹ Rong Hong, *Sobre a Difusão de Ciências do Ocidente no Oriente*, Editora Popular de Hunan, 1981, pp. 7-8.

Com o desenvolvimento da actividade missionária de Robert Morrison em Macau e Cantão, a Sociedade Americana da Religião Cristã enviou sucessivamente missionários para a China. Em Fevereiro de 1830, ano 10.º do reinado de Daoguang, chegou a Cantão o primeiro missionário norte-americano, Elijah C. Bridgman. Mais tarde, em 1833, ano 13.º do reinado de Daoguang, e em 1834, ano 14 do reinado de Daoguang, chegaram, respectivamente, a Cantão os missionários Samuel W. Williams e Peter Parker, a fim de ajudar Morrison. Peter Parker abriu um hospital onde praticava medicina ocidental. Em 1836, ano 16.º do reinado de Daoguang, chegou a Macau acompanhado da família o missionário John Lewis Shuck e, em 1837, ano 17.º do reinado de Daoguang, por sua iniciativa pessoal, chegou o missionário Issachar Jacob Rooberts. Sete anos mais tarde, em 1842, ano 24.º do reinado de Daoguang, Issachar deixou Macau e, através de Hong Kong, entrou no interior da China.

Apesar da intensa actividade missionária desenvolvida por Robert Morrison e os outros sacerdotes cristãos, o crescimento da religião anglicana na China não foi rápido: por um lado, a dinastia Qing, que na altura governava o país, proibia a prédica religiosa e, por outro, a Companhia de Jesus de Macau não permitia o contacto dos católicos com Morrison. Até 1831, ano 11.º do reinado de Daoguang, só havia cerca de 10 crentes anglicanos entre os chineses, tal como nos revela uma nota de Leong Fat dirigida à Sociedade de Difusão da Fé de Londres, em 1832, ano 12.º do reinado de Daoguang: «*Há hoje 10 chineses cristãos. Eles são muito devotos*»³⁰.

Estes dez protestantes eram Choi Kou, Leong Fat, Gu Tiangqing, Qu An, Li Xing, Leong Chong (pai de Leong Fat), Leong Jingde (filho de Leong Fat), Liu Zhequan, He Futang e Zhou Xue.

Durante um período relativamente longo, posterior à Guerra do Ópio em 1840, o recrutamento de novos protestantes em Macau também não registou progresso evidente. Só nesta última década a religião anglicana se desenvolveu com relativa rapidez no Território. Actualmente, existem em Macau 1899 anglicanos, 0,76% do total da população, e mais de 40 casas de anglicanos chineses. As diversas associações cristãs são administrativa e financeiramente independentes umas das outras. A actividade dos cristãos chineses resume-se, fundamentalmente, à frequência da igreja. Em algumas igrejas, como, por exemplo, na Igreja Anglicana, no antigo cemitério protestante, frente à Praça Luís de Camões, as cerimónias religiosas são realizadas também em inglês, mas na maioria dos

³⁰ Wang Zhixin, *Compêndio da História do Cristianismo na China*, Casa Editora da Federação da Juventude, 1981, pp. 7-8.

casos são celebradas em cantonense, como na Associação dos Presbíteros, na Sociedade de Pregação Cristã, Igreja Baptista, Sociedade de Martin Luther e Igreja da Sociedade de Judeus. A igreja cristã participa também activamente nas actividades ligadas à educação e ao bem-estar social, tendo sido criadas 3 escolas secundárias e 2 escolas primárias, frequentadas por cerca de 3 000 alunos.

OUTRAS RELIGIÕES

O islamismo tem 200 a 300 anos de história em Macau, mas desenvolveu-se devagar, havendo hoje apenas cerca de uma centena de fiéis, cujas actividades são muito reduzidas.

A religião *bahai* foi introduzida em Macau nos anos 50 deste século e conta actualmente com mais de 200 crentes, tendo criado no Território uma escola de solidariedade internacional e um hospital.

Os muçulmanos macaenses são em número muito reduzido, existindo somente um templo muçulmano, situado perto da Fortaleza de D. Maria II.

Através de quanto acima ficou dito, vemos que Macau, apesar da sua pequena área e de uma população de apenas 450 000 habitantes, conta com uma diversidade religiosa considerável e com uma história secular. Grande número de igrejas encontram-se representadas no Território, constituindo os crentes nas diversas religiões 88,13% do total da população. A maior parte são budistas e católicos (86,13% da população).

Houve em tempos quem se referisse a Macau como a «terra de Deus e dos budas». Esta expressão é adequada. A Declaração Conjunta dos governos de Portugal e da RPC sobre a questão de Macau presta grande atenção a esta realidade histórica e aos usos e costumes tradicionais dos habitantes macaenses. No seu artigo 2 (4) está claramente expresso que, após o dia 20 de Dezembro de 1999, data em que a RPC retomará o exercício da soberania sobre Macau, «a Região Administrativa Especial de Macau assegurará, em conformidade com a lei, todos os direitos e liberdades dos habitantes e outros indivíduos em Macau, designadamente a liberdade individual, as liberdades de expressão, de imprensa, de reunião, de associação, de deslocação e migração, de greve, de escolha de profissão, de investigação académica, de religião e de crença, de comunicações e o direito à propriedade privada».

E a parte V do anexo I — «Esclarecimento do Governo da República Popular da China sobre as Políticas Fundamentais Respeitantes a Macau» — expressa mais detalhadamente a garantia de liberdade de religião e crença dos habitantes de Macau: «A Região Administrativa Especial de Macau assegurará, em conformidade com a lei, todos os direitos e liberdades dos habitantes e outros indivíduos em Macau estipulados pelas leis previamente vigentes em

Macau, designadamente a liberdade (...) de praticar a sua religião e de crença, de ensino e de investigação académica (...) As organizações religiosas e os crentes da Região Administrativa Especial de Macau desenvolverão como antes as suas actividades nos limites das suas finalidades e nos termos da lei e poderão manter relações com as associações religiosas e os crentes de fora de Macau. As escolas, hospitais e instituições de beneficência pertencentes a organizações religiosas poderão continuar a funcionar como anteriormente. As relações entre as organizações religiosas da Região Administrativa Especial de Macau e das outras regiões da República Popular da China deverão subordinar-se ao princípio de não subordinação mútua, de não ingerência nos assuntos internos de cada uma e de respeito recíproco».

Conforme referido, temos razão para crer plenamente que, durante o período de transição e após o estabelecimento da Região Administrativa Especial de Macau em 20 de Dezembro de 1999, sob o princípio de «*um país, dois sistemas*», formulado pela República Popular da China, os habitantes de Macau (incluindo os descendentes portugueses) poderão crer livremente em qualquer religião e desenvolver independentemente as actividades religiosas, de acordo com os seus costumes e hábitos tradicionais; as diversas organizações religiosas poderão continuar a dedicar-se às causas da educação, cultura, assistência médica, beneficência e filantropia, e outras acções de carácter social e poderão receber a garantia da lei e o apoio da RAE. Uma sociedade em que o povo gozará de liberdade de religião e crença, onde poderá continuar a realizar as suas actividades religiosas e onde o bem-estar social e económico prosperarão, tal sociedade constitui certamente um quadro de um futuro brilhante para Macau.

ANEXO I

Jesuítas graduados no Colégio de São Paulo e enviados ao interior da China para missionar

Nome chinês	Nome estrangeiro	Data de chegada a Macau	Local de missão
Guo Jujing	Lazaro Cattaneo	1594	Shaozhou
Su Ruwang	João Soeiro	1595	Nanchang
Long Huamin	Nicolas Longobardi	1597	Shaozhou
Luo Ruwang	João da Rocha	1598	Shaozhou
Pang Diwo	Diogo de Pantoja	1599	Pequim
Wang Fengsu	Afonso Vagnoni	1599	Nanquim
Li Ningshi	Pedro Ribeiro	1600	Nanquim
Du Lumao	Bartolomeu Tedeschi	1600	Shaozhou
Li Manuo	Manuel Dias Senior	1601	Shaozhou
Fei Qigui	Gaspar Ferreira	1602	Pequim
Xiong Sanyou	Sabatino de Ursis	1603	Pequim
Lin Beili	Feliciano da Silva	1604	Nanquim
Luo Rulu	Jerónimo Rodrigues	1605	Shaozhou
Bi Fanji	Francisco Sambiasi	1610	Pequim
Ai Rulie	Júlio Aleni	1610	Pequim
Jin Nige	Nicolau Trigault	1610	Nanquim
Yang Manuo	Manuel Dias Junior	1610	Shaozhou
Shi Weizhen	Pierre Van Spiere, Spira	1611	Nanquim
Zeng Dezhao	Álvaro de Semedo	1613	Nanquim
Lu Ruohan	João Rodrigues	1614	Nanquim
Wu Ruowang	Jean Ureman, Uremon	1616	Nanchang
Deng Yuhan	Jean Terrenz, Terentio	1620	Hangzhou
Tang Ruo Wang	Adam Shall Von Bell	1620	Pequim
Luo Yagu	Jacobus Rho	1620	Shaanxi
Qi Weicai	Wenceslau Pantalém Kirwitzer	1620	Guangdong
Fu Xunji	Francisco Furtado	1620	Hangzhou
Fei Ledo	Rodrigo de Figueiredo	1622	Hangzhou
Fei Manuo	Manuel de Figueiredo	1622	?
Ka Tetian	António Francisco Cardim	1623	Guangdong
Qu Ximan	Simão da Cunha	1624	Fuzhou
Lu Ande	André Rodomina	1626	Fuzhou
Pi Maluo	André Palmeiro	1628	Qiongzhou

Nie Boduo	Pedro Canevai	1630	Fujian
Du Ouding	Agostinho Tudeschini	1631	Shaanxi
Meng Ruwang	João Monteiro	1633-1634	Jiangxi
Guo Najue	Ignácio da Costa	1634	Shaanxi
Pan Guoguang	Francisco Brancati	1636	Jiangnan
Li Leisi	Ludovicus Buglio	1637	Chengdu
An Wensi	Gabriel de Magalhães	1640	Chengdu
Wei Kuangguo	Martinho Martini	1643	Hangzhou
Mu Nige	Joannes-Nicolaus Smogobenski	1643	Jiangnan
Lu Ande	André João Lubelli	1645	Qiongzhou
Qu Ande	André-Xavier Koffler	1646	Guilin
Bu Mige	Miguel Boim	1656	Zhaoqing
Nie Zhongqian	Adrien Greslon	1656	Jiangxi
Bai Yingli	Filipe Couplet	1657	Jiangxi
Fan Shika	Gonçalo da Fonseca	1657	?
Mu Diwo	Jacobus Motel	1658	Jiangxi
Yin Duoze	Próspero Intorcetta	1658	Jianchang
Nan Huairan	Ferdinand Verbiest	1659	Shaanxi
Bi Jia	João Domingos Gabiani	1659	Yangzhou
Lu Rimán	Francisco de Rougemont	1660	Zhejiang
Si Lige	Cristiano Herdtricht	1668	Shaanxi
Min Mingwo	Felipe-Maria Grimaldi	1671	Cantão
Fan Fanji	Francisco da Veiga	1682	Qiongzhou
Xu Risheng	Tomás Pereira	1682	Pequim
An Duo	António Tomás	1682	Pequim
Su Lin	José Soares	1683	Jiangnan
Meng Youyi	Manuel Mendes	1684	Jiangnan
Ji Lian	Bernardus-Kilian Stumpf	1694	Pequim
Li Anguo	Joannes Laureati	1694	Shaanxi
Ai Ruose	Joseph-Antonius Provana	1695	Jiangxi
Li Ruowang	João Pereira	1696	Guangdong
Ba Duoming	Domingos Parrenin	1698	Pequim
Si Andang	António Dantas	1698	?
Li Ruose	José Pereira	1698	Fujian
Lei Xiaosi	Joannes Baptiste Regis	1698	Pequim
Yin Hongxu	Francisco-Xavier D'Entrecolles	1698	Jiangxi
Fu Shengze	Joannes-Francisco Fovicquet	1699	Fujian

Mu Xiaoyuan	João Mourão	1700	Pequim
He Cangbi	Julius Placidus Hervieu	1700	Cantão
Du Demei	Petrus Jartouse	1701	Pequim
Feng Bingzheng	Jos.-Fr. Moyriac de Mailla	1703	Cantão
Suo Manuo	Manuel de Sousa	1703	Zhenjiang
Fei Yin	Xavier-Ehrenbert Fridelli	1705	Zhenjiang
De Manuo	Romanus Hinderer	1707	Hangzhou
Mai Dacheng	João-Francisco Cardoso	1710	Pequim
Ma Guoxian	Mattheaus de Baroui Ripa	1710	Pequim
Shan Yaozhan	Guillaume Faore Bonjour	1710	Pequim
Lang Shining	Joseph Castiglione	1714	Pequim
Xu Maode	André Pereira	1714	Cantão
Dai Jingxian	Ignatius Kogler	1716	Pequim
Luo Huaizhong	João-José da Costa	1716	Pequim
Luo Pishi	Caetano Lopes	1716	Guangdong
Ping Tuo	Manuel Pinto	1720	Jiangnan
Song Junrong	António Gaubil	1720	Pequim
Sha Ruyu	Valentin Chalier	1727	Pequim
Kong Zhang	Alexandre de La Charme	1727	Pequim
Fu Zuolin	Felix da Rocha	1736	Pequim
Bao Youguan	António Gogeisl	1737	Pequim
Wei Jijin	Florianus Bahr	1738	Pequim
Liu Zongling	Agostinho de Hallerstein	1738	Pequim
Tang Zhizhong	Petrus d'Incarville	1740	Pequim
Jiang Youren	Miguel Benoist	1744	Pequim
Ai Qimeng	Ignatius Sichelborth	1744	Pequim
Gao Shensi	José Espinha	1750	Pequim
Qian Deming	Joan-Joseph-Maria Amiot	1750	Pequim
Bi Anduo	António Pires	1750	Jiangnan
An Guoning	André Rodrigues	1758	Pequim
Suo Dechao	José Bernardo d'Almeida	1758	Pequim
Han Guoying	P. M. Cibot	1759	Pequim
Wang Dahong	Joannes-Nattheaus de Ventavon	1766	Pequim
He Qingtai	Ludovicus de Poirot	1770	Pequim
Pan Tingzhang	Joseph Panzi	1772	Pequim
Li Junxian	Habert de Mericourt	1773	Pequim
Tang Shixuan	Alecondre de Mericount	1784	Pequim

Fu Wengao	Domingos Ferreira	1805	Cantão
Li Gongchen	José Ribeiro	1805	Cantão
Bi Xueyuan	Caetano Pires	1805	Cantão

Fontes de dados: Louis Pfister: *Notices Biographiques et Bibliographiques Sur Les Missions de L'Ancienne Chine*. Os mais de dez jesuítas que estudaram primeiramente no Colégio de São Paulo, antes deste ser transformado em Colégio Universitário, não foram enumerados neste quadro. Os últimos três jesuítas no quadro que entraram na China, em 1805, foram listados segundo os *Dados Históricos sobre as Relações Estrangeiras da Dinastia Qing* (período do reinado de Jiajing).

ANEXO II

Dados estatísticos sobre o número de católicos no interior da China entre 1585 e 1800

Ano	Número de católicos	Índice
1585 (ano 13 do reinado de Wanli)	20	
1586 (ano 14 do reinado de Wanli)	40	
1589 (ano 17 do reinado de Wanli)	80	
1596 (ano 24 do reinado de Wanli)	100	
1605 (ano 33 do reinado de Wanli)	1 000	
1608 (ano 36 do reinado de Wanli)	2 000	
1610 (ano 38 do reinado de Wanli)	2 500	
1615 (ano 43 do reinado de Wanli)	5 000	100
1627 (ano 7 do reinado de Tianqi)	13 000	260
1636 (ano 9 do reinado de Chongzhen)	38 200	294
1650 (ano 7 do reinado de Shunzhi)	150 000	300
1652 (ano 9 do reinado de Shunzhi)	180 000	360
1664 (ano 3 do reinado de Kangxi)	241 180	500
1667 (ano 6 do reinado de Kangxi)	256 880	
1670 (ano 9 do reinado de Kangxi)	270 000	
1735 (ano 13 do reinado de Yongzheng)	300 000	
1800 (ano 5 do reinado de Jiajing)	200 000	

Fonte de dados: *Compendiosa Narratione*, da autoria de Intorcetta, tradução de Ying Duo, edição de 1672; *História das Missões Católicas na China*, da autoria de Li Xian.

